

Ativismo Poc: as estratégias de visibilidade do Coletivo LGBTI+ Flor no Asfalto

*Francisco Rafael Mesquita Jeronimo*¹

1 Introdução

No presente texto, é apresentado um estudo da experiência do Coletivo Flor no Asfalto, integrante do movimento LGBTI+² (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e intersexuais) do Ceará.

Nesta narrativa, tecida a partir da escuta e observação, é construída a descrição sobre a organização destes “sujeitos generificados” (GONÇALVES, 2017), que enfrentam a pobreza, a vulnerabilidade, a restrição a direitos fundamentais e a violência desde o nascimento.

Tendo como recursos a entrevista, a análise de publicações impressas e a observação de conteúdos produzidos para as redes sociais do grupo, busca-se a aproximação da realidade destes indivíduos e da comunidade onde se organizam, reivindicam e lutam.

No caso do levantamento dos dados das redes sociais digitais, priorizamos a página no Facebook, mas trazemos algumas

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará (PPGCOM); Universidade Federal do Ceará (UFC); rafaelmesquita.rm@gmail.com

² Neste trabalho, o símbolo + acrescentado à sigla LGBTI para abranger outras orientações sexuais, identidades e expressões de gênero (REIS, 2018).

informações sobre uso dado à plataforma Whatsapp. A escolha da fonte de coleta se baseou no fato de serem os canais oficiais do agrupamento.

Importante registrar que a disposição para elaborar este trabalho nasceu da vontade de fomentar a visibilidade sensível de grupos ativistas e temas que ainda não alcançaram protagonismo na academia. Como constata Gonçalves (2017), no campo da comunicação, embora as análises passem a existir ainda na década 1990, é somente nos últimos 10 anos que as pesquisas deste setor se debruçam com maior intensidade sobre a diversidade sexual.

Conjuntura confirmada por Lazarin e Rodrigues (2014), em levantamento dos estudos das homossexualidades, de 1992 a 2008, nos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. A conclusão é que até existe uma diversidade de temáticas e métodos, mas “distante da consolidação de perspectiva teórico-metodológica, ou tradição de abordagem em linhas de pesquisa” (p. 219 e 220).

2 Pra não dizer que não falei das flores

Não há como falar da organização do Coletivo Flor no Asfalto sem recordar os versos de Carlos Drummond de Andrade (1978), que, em sua Antologia Poética, diz: “Uma flor nasceu na rua! Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio” (p.14 a 16). Neste pequeno trecho, o poeta sintetiza exatamente a grandeza que se encontra no olhar empático deste agrupamento do movimento LGBTI+, que se insurge contra a LGBTifobia³ no Brasil de 2019.

O Coletivo é uma experiência nascida a partir da união de jovens da comunidade Lagamar, um “assentamento precário”⁴ que

³ Pode ser definida como o medo, a aversão, ou o ódio irracional aos homossexuais, e, por extensão, a todos os que manifestem orientação sexual ou identidade de gênero diferente dos padrões heteronormativos (REIS, 2018).

⁴ De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), assentamentos precários são áreas urbanas de ocupação juridicamente irregular, com deficiências de infraestrutura e serviços urbanos e população pobre.

margeia trecho do rio Cocó, localizada entre os bairros São João do Tauape, Alto da Balança, Aerolândia e Pio XII, em Fortaleza, Ceará. Ali vivem e lutam corpos não heterossexuais, jovens, pobres e periféricos, que assumiram o protagonismo de suas vidas.

Estas “flores” crescem no que Michel Foucault (2013) já classificava em 1966 como espaços “absolutamente diferentes”, ou seja, “lugares que se opõem a todos os outros” referenciados pela nossa lógica contemporânea. Locais cujo destino seria serem apagados, neutralizados ou purificados. “São como que contraespaços” (p. 20).

“A nossa periferia não está literalmente na periferia, mas é um local de mancha na sociedade. Para a sociedade que quer uma cidade perfeita, nós somos uma mancha numa cidade bonitinha, por isso que querem nos remover para o Minha Casa, Minha Vida. O que ainda mantém a comunidade ali é a ZEIS⁵, nem a Prefeitura pode mexer na gente sem passar pelo Conselho da ZEIS. A gente entende a cidade como um grande asfalto. Estamos onde não deveríamos estar, no meio do asfalto. Por isso a referência à flor no asfalto, já que as flores deveriam estar nos vasos e nos jardins”⁶.

É no Lagamar, nesta heterotopia (aglutinação de “hetero”, que significa “outro” e “topia”, que traduz como “espaço”), como descreve Foucault, “neste não lugar”, que o grupo se organiza, vive e reivindica desde janeiro de 2017, quando foi oficialmente constituído o Coletivo.

Com pouco mais de dois anos de atuação, este agrupamento passa a figurar na cena do movimento LGBTI+ do Ceará, que completa, em 2019, 30 anos. Conforme lideranças políticas do segmento, a contagem das três décadas é marcada a partir da

⁵ Conforme a Lei do Plano Diretor de Fortaleza (Lei Complementar nº 062/2009), as Zonas Especiais de Interesse Social são áreas da cidade habitadas de forma precária que devem prioritariamente receber melhorias urbanísticas e regularização fundiária. As Zeis consideradas hoje no município são: Dionísio Torres/Vila Vicentina, Pici, Lagamar, Serviluz, Praia do Futuro, Bom Jardim, Pirambu, Poço da Draga, Moura Brasil e Mucuripe.

⁶ Depoimento de Renan Monteiro Coelho, integrante do Flor no Asfalto, em entrevista para esta pesquisa.

fundação do Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB), organização não governamental nascida em março de 1989, a partir também de um grupo de jovens gays, travestis e lésbicas, em Fortaleza, que se reunia pra enfrentar as violências impostas à homossexualidade e para encarar a epidemia de Aids que afetava a Capital do Ceará.

Como uma das 50 organizações da sociedade civil e do poder público mapeadas pelo estudo "Tecendo a Cidadania no Ceará" (GRAB, 2018), o Flor no Asfalto constitui uma rede de empoderamento e ativismo LGBTI+, que reúne representações de diversos municípios do Estado.

O grupo integra ainda importantes ações do calendário do segmento, como a comissão preparatória das Paradas pela Diversidade Sexual do Ceará, realizadas anualmente em junho, mês do orgulho homossexual.

3 Uma leitura através de lentes Queer

Diante deste contexto, a partir de um olhar *queer*, observa-se como são retratadas as lutas pela promoção da diversidade sexual lideradas pelo coletivo, entendendo este como um processo que pode ser revelador das maneiras de representação política das pessoas LGBTI+.

A palavra *Queer* vem do inglês e “pode ter função de substantivo, adjetivo ou verbo e, em todos os casos, se define como oposição ao normal ou à normatização” (SPARGO, 2017, p. 13). Convertido em movimento, por um lado, e em teoria, por outro, o termo dá título a um esforço afirmativo. Enquanto campo de estudos, dá conta de engajamentos intelectuais sobre as relações entre sexo, gênero e desejo. São objeto desta corrente de pensamento questões como as análises das relações de poder sociais e políticas de sexualidade; críticas do sistema sexo-gênero; e discussões sobre desejos transgressivos.

Os Estudos *Queer* evidenciam, portanto, como funcionaram historicamente dispositivos discursivos que calaram, produziram

vergonha e medo entre os gays, as lésbicas, as bissexuais, as travestis, as transexuais e as intersexuais, mas, ao mesmo tempo, propõem justamente que se interrompa a reprodução destes códigos através da incorporação política do “outro-abjeto”, como explica Berenice Bento (2014).

Enxerga-se esta mensagem no Flor no Asfalto, que diz muito claramente para a sociedade que há “orgulho de ser poc”⁷ e que está na hora da “revolução sapatônica” – expressões que, por sinal, foram títulos de saraus organizados pelo movimento.

Esta característica contemporânea, que desenha as bases do ativismo *queer*, mostra a prodigalidade deste momento, que é contextualizado pela eclosão do discurso da diferença, que parte da ideia do reconhecimento como transformação social e que dá novos postos ao outro, provocando uma verdadeira transformação das relações de poder, como evidencia Bento (2014): a mensagem é que “eu estou aqui e não vou mais viver uma vida miserável e precária”.

4 Gays, lésbicas e periféricas - Das flores sobre as flores

O coletivo é formado por oito jovens, com idades entre 18 e 29 anos. Com seis gays e duas lésbicas, os líderes do grupo operam a militância nos turnos alternativos às jornadas de trabalho, com reuniões e atividades realizadas preferencialmente nos fins de semana e no período noturno, de segunda a sexta-feira.

Deste universo, pelo menos três trabalham em ONGs, duas pessoas em call centers e outros três respectivamente com marketing em empresa de cosméticos, em serviços de organização de estoque e como professor em instituição de ensino particular.

Os membros do coletivo participam ainda de diversas redes sociais e grupos dos movimentos sociais cearenses. Outro elemento

⁷ Na entrevista, membro do coletivo se refere a “poc” como termo antes usado para ofender jovens gays afeminados e pobres, mas que hoje se reveste de um sentido afirmativo, em que os sujeitos enquadrados neste adjetivo se empoderam da palavra e se afirmam em meio à indiferença.

investigado, foi a presença de proposições vindas do campo acadêmico, que restou presente apenas em duas atividades, realizadas com um pesquisador da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Em sua carta de princípios (FLOR NO ASFALTO, 2017), elaborada durante os primeiros encontros do agrupamento, seus membros definiram os objetivos desta empreitada. No documento, eles narram que a “opção por ser um coletivo se deu por conta de apostar em um modelo de organização que tivesse como foco a horizontalidade e o engajamento”. Tal princípio é recorrentemente reforçado no texto, que defende uma organização “sem que exista uma liderança, um tutor ou a vinculação a uma instituição”, o que denota também a afirmação do valor da independência.

A proposição basilar do grupo é “discutir e efetivar ações contra a LGBTfobia no Lagamar e em Fortaleza”. Como nos explicou em entrevista para esta pesquisa Renan Monteiro Coelho, o ponto de partida e o foco prioritário do coletivo será sempre o Lagamar, mas o Flor no Asfalto “pensa na cidade como um todo”, liderando não só ações e manifestações de cunho local, “mas ao mesmo tempo para abranger a pauta que é discutida na cidade”.

Com isso, há um mister de atividades desenvolvidas, como ações de prevenção em DST/HIV/Aids, eventos culturais, a exemplo de musicais, apresentações de dança e saraus, ações de solidariedade, piqueniques em espaços públicos, como o Parque Estadual do Cocó, e cursos e oficinas, sendo estes últimos com foco no empreendedorismo, a exemplo das formações em corte e costura e em crochê.

O raio de parceiros do movimento também é grande. Atualmente usam como sede uma sala da Fundação Marcos de Bruin, uma entidade da sociedade civil beneficente fundada em 1992, que trabalha pelo desenvolvimento do Grande Lagamar. O representante ouvido para este trabalho fez questão de frisar que são independentes da fundação: “Fomos abraçados por eles. Nos apoiam em reuniões, empréstimo de equipamentos, como som,

mas somos totalmente independentes, não fazemos parte da Marcos de Bruin”.

Outros parceiros do Flor no Asfalto são o citado GRAB, as ONGs Casa de Andaluzia e Barraca da Amizade e o grupo Arte de Amar, todos estes organismos do movimento LGBTI+ do Ceará.

Ainda de acordo com a carta de princípios, há a preferência pelo que chamam de “ação direta”. Para eles, a “transformação da sociedade virá por meio da luta popular e da organização direta da população”.

No documento fundador, o Flor no Asfalto afirma que não pretendem, entretanto, “ser organizado por uma vanguarda militante/intelectual”, pois eles mesmos almejam organizar as próprias lutas, sempre levando em consideração a ideia de ser um movimento da pauta do direito à livre orientação sexual e identidade de gênero, mas também de movimentação das demandas gerais da comunidade em que vivem.

Tais características coadunam com a discussão levantada por Guattari (1995), no que ele caracteriza como “devir das minorias”, pensando-se assim em um devir mulher, homossexual e negro, por exemplo. O autor explica que a reivindicação de grupos de minorias não é só a do reconhecimento de sua identidade.

“A diferença dos atuais grupos homossexuais, por exemplo, em relação aos da belle époque é que sua questão não é setorial. Eles trabalham para que seu processo, seu devir homossexual se introduza no conjunto da sociedade, pois, de fato, todas as questões são trabalhadas pelo devir homossexual”. (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 73)

Em alguma medida, essa batalha travada pelo Flor no Asfalto, de representar a comunidade LGBTI+ do Lagamar ao mesmo tempo em que se articula com as demais ânsias e necessidades do lugar, reforça a tese de Guattari de que esses devires coletivos podem se articular de forma subjetiva a todos os problemas políticos e sociais, que passa a ser “molecular”, ao

conectar todos os “sistemas de alteridade, os sistemas de percepção” (GUATTARI; ROLNIK, 1996, p. 78 e 79).

Um traço forte no estudo do discurso político do coletivo é a aposta nas mudanças, no enfrentamento dos pilares do patriarcado e a luta contra a hegemonia dominante que reprime o feminino e as "sexualidades não normativas" (BUTLER, 2017). A narrativa do grupo recorrentemente oportuniza a experiência, a descoberta e a compreensão do “Outro”.

5 Maneiras de Comunicar

As várias maneiras de comunicar desenvolvidas por este grupo são observadas. Em uma primeira dimensão, foi analisado o uso desenvolvido de ferramentas de comunicação digital, como a página no Facebook e o grupo na plataforma Whatsapp.

Na página do Facebook do grupo, até o dia 18 de junho de 2019, foram registradas 67 publicações. Deste universo, 50 tratavam de conteúdos próprios do movimento, seis faziam referência a ações e projetos desenvolvidos com o apoio do grupo e de autoria de parceiros e 11 foram enquadrados como de outra origem, inclusas aqui postagens e compartilhamentos de notícias, por exemplo, que tratem dos temas tocados pela iniciativa juvenil, como direitos LGBTI+, demandas sociopolíticas e demais pautas do campo dos Direitos Humanos.

As temáticas protagonistas nas postagens são eventos, com 23 registros de publicações desta natureza; 21 fotos, relativas a atividades e ações do coletivo ou que contaram com a participação de membros do Flor; nove são vídeos, sendo que a maioria deles convidavam para sarau do movimento, com direito a gravação enviada pelo então deputado federal do Rio de Janeiro Jean Wyllys e outras lideranças de peso do ativismo LGBTI+ e da cena política cearense, a exemplo da deputada federal do Estado, Luizianne Lins. Existem ainda sete publicações focando campanhas, como ações da

Organização das Nações Unidas, quatro notas compartilhadas e mais três artes sobre discussões elucidativas do universo *queer*.

E quando observadas as publicações por ano, notamos que em 2019 foram realizadas apenas três postagens, enquanto 2018 concentra a maior parte da produção do grupo na rede social Facebook, com 46 registros. Em 2017, ano de criação do coletivo, existem 18 recorrências desta natureza. Importante registrar que os chamados “stories”, tipo de publicação em redes digitais de caráter efêmero, que duram apenas 24 horas, não foram consideradas nesta análise. Todas estas características mostram um uso muito mais utilitário das redes, sem ser este espaço um foco prioritário de intervenção do coletivo.

O Flor no Asfalto conta ainda com dois grupos de Whatsapp, um formado por membros e outro direcionado a participantes de suas atividades e demais pessoas próximas. Sendo assim, o primeiro funciona como uma instância organizativa, de debate e de decisões do agrupamento, enquanto o segundo grupo é espaço de compartilhamento de informações, agendas, debates e demandas do movimento LGBTI+ local, de ações da diversidade sexual externas à localidade e de iniciativas gerais do movimento social do Lagamar e de Fortaleza. Não tivemos acesso aos grupos do Whatsapp, mas liquidamos estas informações por meio das conversas com os membros.

É interessante também perceber as formas de comunicação popular, ou seja, o processo de intercâmbio de informações e manifestações de opinião, ideias e atitudes do coletivo na comunidade do Lagamar, que podemos observar a partir das lentes de análise colocadas pela *folkcomunicação*, onde as mensagens são transmitidas em nível interpessoal, fazendo uso, muitas vezes, de linguagens e canais familiares ao universo popular (WOITOWICK; In GADINI; WOITOWICK, 2007).

A *folkcomunicação* é a possibilidade de comunicação em nível *folk*, do povo. Os usuários destas estratégias podem ser inclusive setores marginalizados, cuja inferioridade seria produzida

a partir das desigualdades construídas na sociedade, que estabelece superiores e cria indivíduos e grupos colocados em situação de pobreza, isolamento territorial, baixo nível intelectual, de acesso à direitos e inferiorizados por questões da ordem do gênero, raça e sexualidade.

Neste quesito, o grupo cita que a principal forma de mobilização desenvolvida é o chamado “boca-a-boca”, reforçado pelas redes sociais do coletivo. Segundo eles, a comunidade recebe bem os eventos e o fato das pessoas que compõem o coletivo serem “muito conhecidas” na localidade, acaba sendo facilitado o contato e a mobilização.

“A gente tenta traduzir para a linguagem da comunidade, a gente conversa de mano para mano e tenta explicar a pauta LGBT. Deixa o povo muito à vontade, quem vai passando chega, quem convidamos pelas redes sociais aparece. (...) Já nos conhecem, desde criança. Quem não gosta só não chega junto” – depoimento de Renan Monteiro Coelho.

O comunitarismo é traço marcante e evidente que acaba por elevar a capacidade de diálogo social desta célula. Nesta perspectiva, o Flor no Asfalto se enquadra dentro do que Woitowick (2007) classifica como “grupos urbanos marginalizados, compostos de indivíduos situados nos escalões inferiores da sociedade, constituindo as classes subalternas” (WOITOWICK; In GADINI; WOITOWICK, 2007, p. 46). Mas ao mesmo tempo, inscreve a autora, são grupos que podem vir a gerar seu próprio vocabulário e sua própria sintaxe, constituindo, com os canais e alternativas que têm à mão, modos de difusão de mensagens, de reivindicações de necessidades e da construção de aspirações.

Neste aspecto, podemos citar como exemplo de desenvolvimento destas forças *folkcomunicacionais* a realização dos citados cursos, oficinas, rodas de debate, destas e performances artísticas pautadas nas reivindicações e discussões do movimento LGBTI+ e no empreendedorismo voltado a estes sujeitos.

Mas o coletivo também lidera ações que ultrapassam a pauta da diversidade sexual, como a reivindicação da juventude pela instalação, pela Prefeitura de Fortaleza, de um Centro Urbano de Cultura, Arte, Ciência e Esporte (CUCA) na comunidade. Atualmente, a cidade conta com três equipamentos desta natureza, localizados nos bairros Barra do Ceará, Mondubim e Jangurussu. Eles formam a Rede CUCA, mantida pela Coordenadoria Especial de Políticas Públicas de Juventude do Executivo municipal. De acordo com o site da Prefeitura, os espaços oferecem cursos, práticas esportivas, difusão cultural, formações e produções na área de comunicação e atividades que fortalecem o protagonismo juvenil e realizam a promoção e garantia de direitos humanos (Prefeitura de Fortaleza, 2019).

Em matéria publicada no Jornal O Povo, em 12 de maio de 2019, o Flor no Asfalto explica que o interesse do coletivo LGBTI+ nesta bandeira do CUCA Lagamar se dá pelo entendimento da interseccionalidade entre as militâncias. "A gente não luta só pela pauta LGBT. Uma pessoa LGBT também é uma pessoa negra, jovem, e, agora com as questões da ZEIS, a gente resolveu reativar a discussão do Cuca Lagamar" (LEITE, 2018).

O Coletivo se envolve ainda em outros debates da localidade, como citado acima. A organização juvenil conta, inclusive, com assento no Conselho comunitário da ZEIS local e atualmente é filiada à Articulação Brasileira de Gays - ARTGAY, rede nacional com a missão de lutar contra o machismo, o racismo e a homofobia.

Foi a partir desta aliança com a ARTGAY e pensando na incidência comunitária, preocupação chave do grupo, que o Flor no Asfalto desenvolveu a cartilha "Monitoramento da Execução Orçamentária das Políticas Públicas LGBT do Município de Fortaleza e do Estado do Ceará" (ARAÚJO, 2018). Fruto de estudos do Coletivo, o material, publicado em 2018, com tiragem de mil unidades e também disponibilização nas mídias digitais, tem o objetivo de difundir informações sobre as ações governamentais planejadas e executadas. Os dados foram produzidos a partir de

informações oficiais publicadas pelos Executivos municipal e estadual na Lei Orçamentária Anual (LOA), no Plano Plurianual (PPA) e nos Portais da Transparência.

Tal produto, além de cumprir estratégia política, com subsídio para as reivindicações de todos os setores da luta LGBTI+ do Estado, é também uma tática de visibilidade do coletivo e de todos os sujeitos *queer*, sendo tema de matérias jornalísticas, debate popular nas mídias sociais e de proposta de discussão de eventos, audiências e plenárias. É quando o grupo estende o raio de atuação ao mesmo tempo em que viabiliza o próprio protagonismo enquanto uma agremiação periférica e setORIZADA, colocando-se à frente das "organizações de referência"⁸ do movimento LGBTI+.

Outro traço marcante das performances destes corpos, que enfrentam as “estruturas que persistem em nos constranger” (MORAIS, 2015, p. 169), é o fato dos integrantes do Flor no Asfalto expressarem suas identidades pessoais fora das caixinhas pré-determinadas de gênero. Assim, escolhem um outro modo de viver a identidade, possivelmente livres da binaridade de gênero, da premissa patriarcal, que associa as características biológicas da humanidade a dois conjuntos definidos: o masculino (homem/macho) e o feminino (mulher/fêmea). Um traço marcante presente no registro das peças de comunicação compartilhadas nas redes sociais do coletivo, como também nos registros em foto e vídeo das atividades.

Neste aspecto, o Flor caminha na direção apontada pelo movimento social contemporâneo, que namora os estudos feministas e a teoria *Queer*. Judith Butler (2017) traz o debate de que a noção de gênero introduziu e legitimou a desigualdade e a dominação que marcaram séculos de organização dos povos, sobretudo os ocidentais, e também provocou exclusões para aqueles que não se enquadravam nas noções estabelecidas de

⁸ Entidades e grupos do movimento LGBT institucionalizados e reconhecidos pelo Estado e pela imprensa, por exemplo. De acordo com Santana (2018), grupos que acumulam “legitimidade” (p. 90).

masculino e feminino ou que possuem orientações sexuais não-normativas, como homossexuais e bissexuais, e indivíduos transexuais, não-binários, agêneros e de gênero fluido.

A filósofa, inscrita nos estudos feministas contemporâneos, também explica que, para o imaginário social construído em torno da dominação de mentes e corpos, “o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nenhuma” (p. 25). Butler indicava, assim, que o sexo não é natural, mas é ele também discursivo e cultural como o gênero. Ela esclarece que se construiu em nossa história um paradigma expressivo, “no qual se diz que um eu verdadeiro é simultâneo ou sucessivamente revelado no sexo, no gênero e no desejo” (p. 45). “Enganos” propositalmente impostos durante longos períodos, mas que precisam ser denunciados, afinal, ninguém é exclusivamente mulher ou exclusivamente homem.

Tais reflexões, evidenciadas a partir do discurso dos participantes da agremiação e da problematização na bibliografia, não são dados totalmente "espontâneos" ou "enraizados" em toda a trajetória do coletivo, mas sim "reconhecimentos" e "amadurecimentos" realizados a partir de experiências vivenciadas por membros do grupo, vindas de outros espaços de atuação, como também constituídos a partir de interlocuções com outros atores do movimento social e nas discussões trazidas por parceiros para debates realizados dentro do agrupamento. É exemplar deste caso a realização de rodas de conversa sobre transfeminismo e sobre heteronormatividade, que aconteceram ao longo dos dois anos de atuação grupal.

Em postagem na página da rede social Facebook do grupo, há, em destaque, o relato sobre uma destas rodas de conversa, onde houve a discussão de “questões ligadas aos corpos que são marginalizados pela sociedade, a relação entre o transfeminismo e o feminismo, questões da economia e como a crise afeta mais os negros, as mulheres e pobres”. Aqui nós “discutimos a lógica de

dominação masculina, a solidão da mulher trans e das travestis e a importância da nossa felicidade”⁹.

Podemos dizer, a partir da observação, que o Flor no Asfalto causa a chamada surpresa empírica ao trazer dentro de seus saraus, eventos de cunho cultural e político, representações que ultrapassam as enraizadas “verdades aparentes da masculinidade e feminilidade” (GEERTZ, 1997; p. 123).

Fazendo um paralelo com as perspectivas apontadas por Foucault (2013), que tornam o corpo "um grande ator utópico" (p. 12), podemos afirmar que o grupo enfrenta de frente os estigmas, preconceitos e ódios, a ponto de buscar o rompimento do código heteronormativo presente nesta e noutras comunidades, periféricas ou não.

Não à toa, as palavras "pride" e "orgulho", que possuem significados correlatos na língua inglesa e portuguesa, tornaram-se referência para a luta homossexual no globo, haja vista que romper com padrões, enfrentar a diferenciação e o preconceito é um passo que só pode ser dado em uma perspectiva afirmativa, o que torna a performance e as expressões de gênero, diferente da norma heterossexual, um processo mais que pessoal, mas social e político, um ato comunicativo, retomando a ideia de *folk*, que é também a contra-apresentação ou uma verdadeira alternativa aos padrões da estética e da publicidade desta época, comunicados nos atos oficiais da mídia controlada pelas elites, que atribuem, por exemplo, padrões de beleza e marcas de gênero, que não caminham com conforto a trilha do híbrido ou do totalmente indiferente.

Assim podemos retomar Foucault (2013) que conclui que o corpo, na sua materialidade, seria ao mesmo tempo "produto de seus próprios fantasmas", para quem não se identifica dentro do que a sociedade lhe disse que deveria possuir e comportar, e passa a ser, dentro das possibilidades do uso de "máscaras" e outros recursos, fonte de afirmação: "(...) os estigmatizados, cujo corpo

⁹ Extraído do Facebook do Flor no Asfalto em 7 de agosto de 2018.

torna-se sofrimento, resgate e salvação, ensanguentado paraíso" (p. 14).

É exemplar, neste caso, o depoimento de Renan Monteiro Coelho, quando afirma: “Viados (sic) que estão fazendo a festa, também estão dizendo que o canal está sujo, que as famílias estão lá precisam de casa”.

O que este jovem fez foi encontrar, como afirma Bell Hooks (2019), o “ponto de partida para as nossas intervenções”, criando o que autora irá chamar de “espaços de oposição” onde pode ser representada e nomeada a sexualidade, onde são sujeitos sexuais, desafiando as representações dominantes e operando transformações possíveis.

Talvez esta constitua uma das potências do coletivo, ou seja, conseguir desenvolver em uma comunidade, que ainda clama por políticas públicas básicas, como saneamento, o alargamento do olhar para questões da ordem da existência e mostrar que os seres humanos do mundo não são mais “divididos em dois únicos sexos biológicos” (GEERTZ, 1997, p. 122) e que todos são sujeitos de direito.

Uma convivência positiva que é reforçada pela constatação de que as mudanças recentes no país, com a expansão dos grupos conservadores e de direita na política nacional e local, não impulsionaram manifestações de ódio calcadas na LGBTifobia contra membros ou ações do grupo no Lagamar.

Embora tenha havido o que Geertz (1997) chama de retomada do pensamento mais básico do senso comum, “aquilo que resta quando todos os tipos mais articulados e sistemas simbólicos esgotaram suas tarefas, ou aquilo que sobra da razão quando suas façanhas mais sofisticadas estão postas de lado” (p. 140), os nossos entrevistados acreditam que o comunitarismo e o “raro debate politizado” tenha afastado um sentimento de recrudescimento de ideias no local. “Não impactou muito o conservadorismo recente, mas há pessoas conservadoras lá, que

nós já conhecíamos e não há ações negativas por parte deles” – comentário colhido em depoimento para este trabalho.

6 Florescer Queer

Vê-se muito forte no discurso deste grupo a vontade de uma juventude protagonista, que deixa explícita a sua ambição de ser o que quiser. "Eu não quero ser só mais uma estatística, eu não quero que você seja" (Trecho de uma das postagens do coletivo no Facebook, publicada em seis de novembro de 2018).

Nesta perspectiva, não aceita mais ser "minoría", categoria analítica e discurso político usado para referenciar sujeitos, como negros, LGBT e mulheres.

As flores no asfalto também não se veem circunscritas nesta nova "homonormatividade" ligada e liberada pelo neoliberalismo contemporâneo, afinal, o Capital é capaz de se "transpolitizar" como acentuou Baudrillard (1996).

Mas o coletivo deixa explícito que nas comunidades pobres se é gay diferente do bairro nobre, por exemplo. Sendo assim, a classe social é um definidor de marginalização das pessoas LGBT, especialmente pessoas trans. Então, começamos a perceber que, para alcançar uma liberação completa, como afirma Drucker (2018), é preciso radicalizar a investida contra o binarismo gay/hétero. Nestes termos, falamos de uma política *queer*, que tem o objetivo de "queerizar" os movimentos sociais de classe. "Isto significa lutar por uma vida erótica que é polimorficamente sensual, e não genitalmente obcecada; igualitária e não possessiva" (DRUCKER, 2018, p. 199).

O Flor no Asfalto diz "acreditar que a arte é política, provocativa, uma ferramenta de transformação e também uma forma de cuidar de nós mesmos" (Facebook Flor no Asfalto, 26 de agosto de 2018), fala sobre "o sexismo, o machismo, o classismo, o capitalismo, a LGBTfobia e como essas e outras formas de opressões se relacionam" (Facebook do grupo, 30 de abril de 2018).

Essas características caminham no que Drucker (2018) destaca como papel dos *queers*, que precisam, "adotar o feminismo socialista que entende o capitalismo, em sua essência, como um modo social de produção e reprodução generificada" (p. 199).

Ao mesmo tempo, é preciso circunscrever essa trajetória de luta em outros paradigmas, “como o libertarismo de Michel Foucault e o ativismo *queer* ligado, em certa medida, à recente teoria *queer*”. (DRUCKER, 2018, p. 199 e 200).

Alguns marcadores presentes na ação do coletivo, pinçados a partir do nosso *queer eye*, são a necessidade de exercitar uma abordagem plural para as demandas das LGBTI+, levando em consideração as dimensões colocadas pela localidade (assentamento precário), a classe social (comunidade pobre), o gênero e a geração (evidenciada pelo protagonismo da juventude).

Em seus eventos, ficam registradas livres formas de expressão do corpo, em uma demonstração que pode ir além das armaduras identitárias, embora o grupo reforce que entende o papel político de se afirmar gay, lésbica, bissexual, travesti, transexual, intersexual e outros nesta sociedade.

O coletivo deixa transparecer que acredita que a comunidade recebe bem as suas pautas tendo em vista que, diferentemente da "dureza" com que as demandas LGBTI+ são tradicionalmente apresentadas em outros espaços, o Flor no Asfalto aposta no diálogo, sem armar ideologias, sem intimidar ou retrucar. Embora mantenham a postura crítica, a tática dos membros é desarmar o preconceito e oferecer outros olhares.

"Temos uma comunicação direta com a comunidade (...) O diálogo, essa linha é a mais rápida, diferente de ficar com raiva disso ou daquilo. Às vezes, as pessoas usam palavras por puro desconhecimento", coloca Renan, ouvido para esta pesquisa. E é assim, nesta perspectiva de mediação, que a organização enfrenta as concepções de gênero cristalizadas como valores culturais e visões de mundo.

O Flor no Asfalto, deste modo, atesta a urgência em alterar as condições de vida impostas às pessoas LGBTI+, aos moradores do Lagamar e os demais sujeitos oprimidos e carentes de direitos em Fortaleza.

Sobre o alcance desta outra sociedade, outra coletividade, o grupo atesta: “talvez ela esteja longe, seja difícil, leve muito tempo e suor, mas ela é possível e nosso papel é sonhar e lutar por ela” (For no Asfalto, 2017).

Até lá, será necessário que cada vez mais flores transbordem do asfalto e que esse jardim se insurja abalando as desigualdades e os sentidos dominantes dados ao gênero e à sexualidade.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drumont. **Antologia Poética**. 12a edição – Rio de Janeiro: José Olympio, 1978, ps. 14,15 e 16.
- ARAÚJO, David. **Monitoramento da Execução Orçamentária das Políticas Públicas LGBT do Município de Fortaleza e do Estado do Ceará**. Fortaleza, CE: Flor no Asfalto, 2018.
- BAUDRILLARD, Jean. **A Transparência do Mal – Ensaio sobre os fenômenos extremos**; tradução de Estela dos Santos Abreu – 3ª Edição – Campinas, SP – Papirus, 1996.
- BENTO, Berenice. **Queer o quê? Ativismo e estudos transviados**. Disponível em: <<https://revistacult.uol.com.br/home/queer-o-que-ativismo-e-estudos-transviados-193-ago2014/>> Acessado em 27 de maio de 2019.
- BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. 15. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.
- DRUCKER, Peter. **A normalidade gay e a transformação queer**. In. Cadernos CEMARX / publicação do Centro de Estudos Marxistas do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. n. 11. Campinas: UNICAMP/IFCH, 2018.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Posfácio de Daniel Defert. Tradução Salma Tannus Muchail. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

- GEERTZ, Clifford. **O senso comum como um sistema cultural**. In. O Saber Local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Tradução Vera Melo Joscelyne. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- GONÇALVES, Gean Oliveira. **Tendências queer nos estudos brasileiros de jornalismo e gênero**. In: AGUIAR, Leonel; SILVA, Marcos Paulo da; MARTINEZ, Monica (org.). Desigualdades, Relações de Gênero e Estudos de Jornalismo. São Paulo, SP: Life Editora, 2018.
- GUATTARI, Felix e Suely ROLNIK. **Micropolítica: Cartografias do Desejo**. 4ª Edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1996.
- HOOKS, Bell. **Olhares Negros: raça e representação**. Tradução: Stephanie Borges. São Paulo, SP: Elefante Editora, 2019.
- LAZARIN, L; RODRIGUES, A. **Um levantamento dos estudos das homossexualidades nos Programas de Pós-graduação em Comunicação Social de 1992 a 2008**. Conexão - Comunicação e Cultura, UCS, Caxias do Sul - v. 13, n. 26, jul/dez. 2014.
- LEITE, Catalina. **Coletivo faz sarau para cobrar construção de Cuca no Lagamar**. Jornal O POVO, Fortaleza, 01 dez. 2018. Cidades, p. 19.
- MORAES, Fabiana. **O nascimento de Joicy: transexualidade, jornalismo e os limites entre repórter e personagem**. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2015.
- Rede Cuca. **Prefeitura de Fortaleza**. Disponível em: <https://juventude.fortaleza.ce.gov.br/rede-cuca>>. Acessado em 12. maio 2019.
- REIS, Toni (org.). **Manual de Comunicação LGBTI+**. Curitiba, PR: Aliança Nacional LGBTI / GayLatino, 2ª edição, 2018.
- SPARGO, Tamsin. **Foucault e a teoria queer: seguido de Ágape e êxtase: orientações pós-seculares**. Tradução: Heci Regina Candiani; posfácio Richard Miskolci. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.
- WOITOWICK, Karina Janz. **Grupos Marginalizados**. In. GADINI, Sérgio Luiz; WOITOWICK, Karina Janz (org.). Noções Básicas de Folkcomunicação: uma introdução aos principais termos, conceitos e expressões, 2007.